

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES

ALESSANDRO DE JESUS SANTANA¹
ANA ANGÉLICA LEAL BARBOSA²

RESUMO

Entendemos que pensar sobre as relações étnicas no país é fundamental para superar a marginalização imposta histórica e culturalmente aos afro-brasileiros, sendo pertinente estudar temáticas relacionadas à identidade pelo fato das questões étnicas serem à base de normas e comportamentos. Este trabalho surgiu com o objetivo de investigar como é visto o reconhecimento e a pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações por teóricos tradicionais e atuais. O presente estudo se justifica dado à necessidade de colaborar na superação de estigmas preconceituosos e que marginalizam pessoas. Por fim, fundamentado no constructo teórico colocado no presente texto, fica evidente que o reconhecimento e a pertença dos afro-brasileiros no contexto das relações, levando em consideração a etnicidade como aspecto desse reconhecimento, é percebido por diversos teóricos como algo que se estrutura no campo biológico, no realce e interação social.

Palavras-chave: Reconhecimento, Pertença, Afro-brasileiros.

ABSTRACT

We understand that thinking about ethnic relations in the country is essential to overcome the historically and culturally imposed marginalization of Afro-Brazilians, and it is pertinent to study themes related to identity because ethnic issues are the basis of norms and behaviors. This work arose with the aim of investigating how the recognition and ethnic belonging of afro-brazilians is seen in the context of relations hips by traditional and current theorists. The present study is justified given the need to collaborate in overcoming prejudiced stigmas that marginalize people. Finally, based on the theoretical construct placed in the present text, it is evident that the recognition and belonging of Afro-Brazilians in the context of relationships, taking into account ethnicity as an aspect of this recognition, is perceived by several theorists as something that is structured in thebiological field, in enhancement and social interaction.

Keywords: Recognition, Belonging, Afro-Brazilians.

INTRODUÇÃO

O presente artigo propôs realizar um estudo bibliográfico a respeito de como são vistos o reconhecimento e a pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações por teóricos tradicionais e atuais, sendo necessário analisar de forma objetiva questões relacionadas à identificação, o que equivale observar as movimentações que acontece no contexto das coletividades.

Entendemos que pensar sobre as relações étnicas no país, é fundamental para tentar superar a marginalização imposta culturalmente aos afro-brasileiros,

¹ Estudante do Programa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: alessandroderay@yahoo.com.br

² Professora do Programa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: aabarbosa@uesb.edu.br

colaborando para reforçar ou construir fronteiras étnicas mais sustentáveis, haja vista que na atualidade ainda ocorre a reprodução de práticas que inferiorizam as pessoas a partir de algum elemento da identidade. As pessoas pretas foram expropriadas da condição de ser humano, portanto, vivemos em um país racista, sobretudo em relação aos negros e afrodescendentes (CONSORTE, 2019). O que é um equívoco, pois somos formados por inúmeros grupos étnicos que poderiam viver de forma mais harmoniosa.

Apesar da população do país ser constituída em sua grande maioria por pessoas pardas e pretas, 50,7% segundo dados do IBGE, na pesquisa realizada em 2010, continua sendo perceptível ocorrências de práticas racistas e discriminatórias, tanto em comportamentos individuais quanto coletivos e também de políticas públicas de estado, que com mecanismos institucionais, segrega e mata contingentes nas periferias de todo o país. E para a superação destas questões complexas, em nossa compreensão é necessário valorar grupos étnicos e raciais que ao longo da história foram marginalizados.

Cabe então aqui, a conceituação mais usual do que seja grupo étnico, que segundo Poutignat, P., Streiff-Fenart, J. (2011), diz que o termo na bibliografia antropológica é geralmente entendido para designar uma população que perpetua biologicamente, compartilha valores culturais, constitui um campo de comunicação e interação e possui membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferencial. Contudo, a compreensão que se destaca é o realce cultural como sendo algo fortalecedor da identificação, sem esquecer o quesito biológico que também define se alguém pertence ou não a um determinado grupo étnico, tendo as características físicas postas como categorizações raciais perceptíveis. “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (SILVA, 2014, p.15). Oliveira, escrevendo sobre como é ser negro no Brasil, vai dizer que:

Identidade racial/étnica é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida diante das prescrições sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura (OLIVEIRA, 2004, p.57).

Os debates relativos à construção e fortalecimento de identidades de

peças afro-brasileiras, leva em consideração a superação de estigmas preconceituosos e que marginaliza pessoas. Assim, justificamos como pertinente estudar essa temática por entendermos ser relevante colaborar nesse processo, visto que o reconhecimento como afro-brasileiro fortalece a identificação étnica e a pertença, que evidentemente acontece nas relações, que são à base da criação de normas e comportamentos que podem fazer juízo de valor de outros grupos ou pessoas.

De Santana (2017, p.30) vai dizer que; “[...] a etnicidade enquanto forma de organização política intensifica a cultura de um determinado grupo étnico e também a sua identidade”. Nesse sentido, cabe uma revisão, assim como um diálogo teórico bibliográfico para que possamos entender um pouco mais sobre reconhecimento e pertença dos afro-brasileiros.

O presente estudo surgiu com o objetivo de investigar, tendo como problema: Como é visto o reconhecimento e a pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações por teóricos tradicionais e atuais? E como aspectos secundários, a intenção é discutir, refletir e apresentar o estudo em ambientes escolares e acadêmicos. Assim, escolhemos enveredar na questão, através de um estudo qualitativo, utilizando para tanto, alguns autores num diálogo reflexivo e posicionado a respeito da problemática, provocando ainda mais anseios sobre o tema etnicidade.

1. ETNICIDADE COMO ASPECTO DE RECONHECIMENTO

Na sociedade brasileira, vários aspectos são colocados para classificar uma pessoa como tendo uma ancestralidade africana, e com maior evidência se destaca os aspectos fenotípicos, como: cor da pele, textura do cabelo, formato do nariz, da boca e dos pés, entre outros detalhes corporais. Muitas pessoas usam essas características como forma de identificar um suposto paralelismo na origem comum, chegando muitas vezes a salientar detalhes desses marcadores citados para que sejam percebidos de forma mais objetiva pelos seus pares, como por exemplo: o uso do pente enfiado no cabelo, turbantes ou de algumas roupas específicas.

Cunha (1993) apud Silva e Sobral (2013, p.22), expõe que os “[...] traços fenotípicos fornecem uma base natural, neutra, fixa, evidente, em que a cultura investe, interpreta e transforma em símbolos”. Dessa forma, compreende-se que

aspectos biológicos são usados como marcadores da etnicidade e realce. Segundo Silva (2014, p.40) “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença”. Podemos assim dizer que, a identidade étnica dos afro-brasileiros se dá pelo reconhecimento de pertencimento, pelo uso de elementos simbólicos realçados, mas também em certa medida pelo contraste aos outros: indivíduos, grupos ou comunidades existentes. Segundo Oliveira (2007) o contraste parece ser a essência da identidade étnica e a base pela qual esta se define. Culminando na apreensão do conceito de identidade fundamentado na diversidade.

A oposição e diferença étnica que se processa nas relações entre pessoas ou grupos não justificam atitudes preconceituosas e racistas verificadas no histórico brasileiro, e que ocorre ainda nos dias atuais. Sendo necessários maiores reflexões e ações em torno dessa questão para ressignificações coletivas no seio da sociedade.

2. ETNICIDADE E SUPERAÇÃO DE ESTÍGMAS

Consideramos que o momento atual, seja propício para trazer além das discussões relacionadas à identidade, assuntos em prol da causa negra. E sem precisar estar na defensiva, construir relações que fortaleçam enquanto unidade. Portanto, concordamos com Oliveira (2000) ao asseverar que a identidade, etnicidade e a nacionalidade se impõem como de valor estratégico. Assim, a categorização étnica fornece a estruturação de espaços para colocar os conteúdos elaborados no sistema cultural de afinidades.

Ciente que o processo de reconhecimento enquanto grupo étnico precisa ser interiorizado e até buscado pelos afro-brasileiros, tornou-se necessário à união e comunhão por aqueles que são identificados e se identificam como pessoas pretas ou pardas no território nacional, entendendo que este aspecto racial realça a identificação. Realce este que vem gerando estigmas negativos por pessoas de fora, em sua maioria branca. Munanga (2012) compreende que a identidade negra corresponde também à identidade auto atribuída, mas quando se fala em uma identidade estereotipada, é uma atribuição. Portanto, a superação dos estigmas depreciativos não virá do “outros” e sim dos que pertencem ao grupo ou que possuam marcadores semelhantes.

O negro é estigmatizado tendo a cor da pele como principal marca (FERNANDES, 2016). Este estigma, segundo a mesma autora impede as pessoas

negras de desenvolver um sentimento de pertencimento racial, paralelamente, de construir a autoestima de uma identidade positiva. Sendo assim, os marcadores visíveis devem ser majorados positivamente pelo o “eu” e o “nós”.

3. DIFERENÇA NA ETNICIDADE

A diferença não pode ser vista como justificativa para oprimir e negar a existência do outro. A situação de construção da identidade que nega e marginaliza o diferente, já foi amplamente condenada pela humanidade, onde tivemos como exemplo a fatídica transformação de seres humanos em escravos em várias partes do mundo, em especial no Brasil, mas também episódios como o holocausto dos judeus na Alemanha, e o extermínio dos índios em várias nações. Essa criação de oposição estritamente definida para aniquilar o outro a partir de elementos étnicos, nunca foi e com certeza não será saudável a humanidade em nenhum aspecto. Assim;

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora (SILVA, 2014, p.50,51).

As diferenças, o hibridismo, mas também as similitudes precisam ser valorizadas para a superação do preconceito, do racismo, marginalização dos direitos e desigualdade social. Tomaz Tadeu da Silva aponta duas alternativas para vivenciar a diferença, uma de forma positiva, que é celebrando a diversidade e outra negativa, excluindo o “outro”.

Nas postulações dos autores aqui citados, a identidade étnica ocorre na interação entre quem pertence, mas também com os que não fazem parte do mesmo grupo, que por sua vez, gera uma espécie de exclusão, assim como identificação. Contudo, entendemos que não há nenhum impedimento para a construção de relações saudáveis com e entre os diferentes em qualquer aspecto. Desta forma, concordamos que a identidade pode ser construída celebrando a diversidade, pois esta depende da diferença.

A relação entre identidades étnicas diferentes é um elemento importantíssimo de análise, pois toda a discussão referente aos pontos de contato quase sempre converge para conclusões que a diversidade é marcada pela forma

que o outro nos identifica, mas que também pressupõe a identificação ao grupo a que se pertence. Fernandes (2016, p.106) coloca que: "Identidade é algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade". Ou seja, o sujeito se constrói também a partir de marcas diferenciais providas dos outros. Dessa forma; "Toda identidade é construção social e histórica" (SILVA, 2014, p.8). Confirmando que os elementos constitutivos da etnicidade se da no contato com outras pessoas e grupos sociais em mecanismos voláteis na formação e caracterização personificada, sendo esta (eticidade) modificada mesmo com a manutenção de fronteiras simbólicas e culturais, ganhando de forma política os benefícios étnicos construtores de uma sociedade mais justa e igualitária.

Vemos como agregador a junção da mobilização política aos aspectos étnicos na superação, não só de estigmas preconceituosos, mas também como estratégia de garantia de direitos e participação na construção efetiva da sociedade. Arruti (1997) defende que a identidade coletiva pode visar ganhos políticos e expectativa de autodeterminação. A diferenciação e o reconhecimento da pertença dos afro-brasileiros pressupõem o fortalecimento da etnicidade, e mostra em nosso entendimento que a forma de ser e vivenciar os símbolos culturais de cada um fortalecerá as fronteiras étnicas.

Não podemos deixar de reforçar que as identidades étnicas não são estáticas no tempo, pois em todas as épocas se elabora vivências com particularidades singulares, assim como símbolos culturais. A tentativa de construir uma teoria das relações étnicas válidas para todas as épocas e sob todas as condições parece desprovida de qualquer fundamento (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Compreende-se que as relações ao longo da história proporcionam o surgimento e modificações de identidades e etnicidades, que gera no imaginário social da coletividade, assim como dos afro-brasileiros um sentimento dinâmico de existências de fronteiras. Sendo que os deslocamentos ou transições de pessoas ou símbolos culturais não devem provocar traumas e conflitos entre os diferentes grupos étnicos e sim crescimento e valorização da identidade e do pertencimento.

Fundamentado no constructo teórico colocado no presente texto, fica evidente que o reconhecimento e a pertença dos afro-brasileiros no contexto das relações, levando em consideração a etnicidade como aspecto desse

reconhecimento é percebido por diversos teóricos tradicionais e atuais como algo que se estrutura no campo biológico, no realce, interação social e contraste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade trazer ao palco das discussões um estudo bibliográfico sobre como é percebido o reconhecimento e pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações por teóricos tradicionais e atuais. E nesse sentido, com as elaborações apresentadas desses autores entendemos que o reconhecimento e pertença levam em consideração os aspectos biológicos, o realce, a interação, símbolos culturais, a consciência das prescrições, o contraste e também a diferença entre os diversos grupos.

Buscamos aproveitar o constructo aqui exposto como espaço de reflexão para discutir sobre as condições dos afro-brasileiros em meio às práticas históricas de racismo, tendo em vista a existência de olhares preconceituosos e atitudes perversas, que no caso brasileiro perdurou por mais de 350 anos com a escravidão, e mesmo com todo o avanço produzido pelas interações sociais interétnicas ao longo da história, continua existindo ainda na atualidade.

O reconhecimento étnico deve ao nosso entender ser valorizado, buscado e realçado numa etnicidade, mesmo que de forma transitória, com a premissa de união, comunhão, identificação e superação das condições que sempre foram impostas pela colonização ou por suas heranças, escravistas, institucionais, conjunturais e estruturais.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício Andion. A emergência dos remanescentes: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. In: **MANA** - Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 7-38, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2439.pdf>. Acessado 25 de Janeiro. 2021.

CONSORTE, Josildeth Gomes. Relações Étnicas e Relações Raciais: diferenças e aproximações. **ODEERE**, 4(8), 30-34. 2019. <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.6232> / Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6232> Acessado 11 de Dezembro. 2021.

DE SANTANA, Marise. Legados africanos: palavra enunciadora de simbolismos

étnicos. **ODEERE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB. ISSN 2525-4715, v.3, n. 3, janeiro-junho de 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1571/1354> - Acessado em 12 de dezembro. 2021.

FERNANDES, Viviane Barbosa; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.63, p.3-20. Abril. 2016 <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120> - Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/Qxn7Fj4Q5d73gGYsQKHj4s/?lang=pt>. Acessado em 03 de março. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Síntese dos Indicadores de 2009. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf. Acessado 04 de janeiro 2011.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da ABPN**, vol. 4, n. 8, 2012.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 57-60, abr. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso 12 abr. 2021. Acessado 08 dezembro. 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Etnicidade e Estrutura Social**. 3ª Ed. Cidade do México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores, 2007.

_____. Os (des)caminhos da identidade. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 07-21, fev. 2000. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000100001>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000100001&lng=pt&nrm=iso. Acessado 25 janeiro. 2021.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução de Elcio Fernandes. – 2.ed. – São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SILVA, Manuel Carlos; SOBRAL, José Manuel. **Etnicidade Nacionalismo e Racismo: Migrações, minorias e étnicas e contextos escolares**. Edições Afrontamento, Lda. Biblioteca das Ciências Sociais, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.